

RESENHA/REVIEW

RAMOS, Ana Margarida; NAVAS, Diana. *Literatura juvenil dos dois lados do Atlântico*. Porto: Tropelias & Companhia, 2016. 180p.

Maurício SILVA*

138

Não é muito comum encontrarmos, no Brasil, estudos dedicados à produção literária juvenil portuguesa, que, mais do que a literatura “adulta”, tem sido vítima de um injustificado desprezo por parte de nossos pesquisadores acadêmicos e nossos leitores de literatura. Menos comuns ainda são os estudos que buscam comparar essa produção com a brasileira, revelando semelhanças e diferenças e, sobretudo, apontando possíveis modos de leitura.

Essa lacuna, que verificamos por aqui, responsável pelo desconhecimento de importantes nomes da literatura portuguesa juvenil contemporânea, está sendo parcialmente preenchida pela publicação do livro *Literatura juvenil dos dois lados do Atlântico*, das pesquisadoras e professoras universitárias Ana Margarida Ramos (de Portugal) e Diana Navas (do Brasil).

Procurando abordar as tendências recentes da literatura juvenil em Portugal e no Brasil, numa perspectiva comparada, as

autoras partem do pressuposto de que a própria ideia de uma literatura juvenil - que se situa entre a literatura infantil e a adulta - revela-se comprometida pela instabilidade dos conceitos de adolescência e de juventude. Definir a literatura juvenil é, portanto, o primeiro desafio do presente livro.

Considerada, no rastro de outros pesquisadores, uma literatura de fronteira ou uma literatura de intervalo, a literatura juvenil se destina, de modo geral, a leitores de uma faixa etária entre onze e dezesseis anos, aproximadamente; apesar disso, suas obras, via de regra, são inseridas - sem que se considerem suas especificidades - no conjunto de textos da chamada literatura infanto-juvenil. É justamente a partir da análise de obras portuguesas e brasileiras destinadas a esse público (no gênero romance), editadas entre os anos de 2000 e 2015, que as autoras buscam enfrentar essa questão conceitual de fundo.

Nesse sentido, destacam-se,

* Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). E-mail: maurisil@gmail.com

nessa produção literária, algumas características recorrentes, como duas principais tendências temáticas: a *realista*, de natureza idealista (narrativas da vida cotidiana, sem apresentarem uma essência conflitiva) e de natureza crítica (que trata de questões fraturantes que afetam diretamente os jovens, sem idealizações); e a de *fantasia*, que se apropria do universo maravilhoso, revisitando contos de fadas e histórias populares, muitas vezes promovendo uma inversão de papéis tradicionalmente consagrados.

Uma outra característica, agora mais vinculada à forma, em que se destacam a adoção do experimentalismo e do humor, seriam as estratégias literárias como o emprego da paródia, da intertextualidade e da metaficção; já do ponto de vista estrutural, ainda no âmbito da forma, observam-se a ruptura da linearidade narrativa e outras transgressões formais, como rompimento das barreiras dos gêneros literários.

Passando à exposição de um panorama da produção literária juvenil portuguesa, nos limites cronológicos aqui estabelecidos, as autoras destacam os nomes de Daniel Marques Ferreira, Anabela Mimoso, Alexandre Honrado, Manuela Ribeiro e António Garcia Barreto, Ana Saldanha e Alice Vieira, entre outros. Do lado brasileiro, ressaltam-se os textos de Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Ana Maria Machado, Jorge Miguel Marinho e Joel Rufino dos Santos,

entre outros. Comparando ambas as produções, é possível, segundo as pesquisadoras, elencar algumas tendências comuns e recorrentes, como “a presença marcante de romances realistas que tematizam, a partir da perspectiva de protagonistas jovens, questões como a afirmação identitária, as experiências inaugurais típicas da adolescência, os conflitos que permeiam o processo de crescimento, além dos problemas sociais e culturais que marcam, de forma mais ou menos incisiva, o contexto onde estão inseridos os protagonistas e jovens leitores a quem as obras se destinam” (p. 39).

Pode-se completar essa ideia com outros elementos comuns às obras estudadas, tais como “o recurso à intertextualidade e o diálogo com elementos culturais que fazem parte do contexto do jovem leitor, o emprego de estratégias metaficcionalis, o hibridismo genológico, a presença das ilustrações e sua relevância na construção do sentido do romance, a quebra de linearidade temporal e a consequente fragmentação” (p. 40).

Todas essas observações são mais bem trabalhadas na análise em profundidade que as autoras fazem da obra de duas escritoras: Alice Vieira, da parte da literatura portuguesa, com destaque para seu universo familiar mais ou menos disfuncional e questões de identidade e afirmação social do adolescente; e Lygia Bojunga, pela literatura brasileira, com destaque para os processos de crescimento

vivenciados pelas personagens, além de recursos literários diversos, como a intertextualidade. Em ambos os casos, afirmam as pesquisadoras, observam-se a preferência por universos narrativos realistas, o tratamento de questões de identidade, a representação de universos fraturantes etc.

Tratando, em especial, da focalização interna na literatura juvenil brasileira e portuguesa contemporâneas, as autoras destacam essa categoria como elemento recorrente da narrativa juvenil, já que, em geral, é o ponto de vista juvenil que se impõe, promovendo, inclusive, uma identificação dele com o dos leitores. Assim, a perspectivação adolescente torna-se princípio fundamental da constituição das narrativas, resultando no processo de construção identitária.

O universo, portanto, passa a ser visto pelo olhar do narrador adolescente, exemplificado na análise que as autoras fazem de vários escritores portugueses (António Mota, Luísa Ducla Soares, Susana Cardoso Ferreira, Ana Pessoa) e brasileiros (Caio Riter, Flávio Carneiro, Rodrigo Lacerda). Outros aspectos da produção literária juvenil contemporânea, no Brasil e em Portugal, são a metaficção e a intertextualidade, dois recursos estéticos relativamente comuns nessa espécie de narrativa, o que, reconhecidamente, sugere a mobilização, por parte dos leitores, de complexas competências e

estratégias de leitura. Tais recursos são estudados em autores como o português Afonso Cruz e a brasileira Ana Maria Machado.

Nesse amplo painel da produção literária juvenil escrita em vernáculo, em ambos os continentes, as autoras não esquecem nem mesmo do fenômeno, bastante atual, denominado *crossover*, narrativas que mesclam temas juvenis e adultos, girando em torno de temas distópicos e fraturantes. É o que se percebe em *Irmão Lobo*, da portuguesa Carla Maia de Almeida, e *Aos 7 e aos 40*, do brasileiro João Anzanello Carrascoza. Finalmente, a completar esse quadro de “novidades” narrativas no âmbito dessa produção literária, há também neste livro valiosas considerações acerca de outro fenômeno literário, a *hybrid novel* (narrativa híbrida), conceito que sugere, entre outras coisas, a apropriação e recriação de distintas linguagens e sistemas, como a ilustração, a fotografia, a tipografia etc., os quais são integrados ao texto escrito.

Assim, essa produção multimodal implica na coexistência de texto e imagem de tal forma conectados que, diferentemente do livro com ilustrações, nas narrativas híbridas “as imagens não podem ser retiradas sem que alterações na compreensão da história ocorram, visto que as ilustrações estão integradas no tecido narrativo” (p. 148), o que requer outras competência de leitura e compreensão do texto. Como nos



demais casos acima expostas, também para essa espécie de narrativa são analisadas obras de autores portugueses (como Álvaro Magalhães) e brasileiros (como Adriana Falcão).

Com este livro, Ana Margarida Ramos e Diana Navas não apenas atualizam a pouco conhecida produção literária brasileira e portuguesa contemporâneas, mas também contribuem para a consolidação do gênero literatura juvenil entre nós, por meio de competentes análises de obras e autores que se dedicaram a esse gênero.

*Recebido em: 30 de junho de 2017
Aceito em: 04 de setembro de 2017*